

O HIPERTEXTO E O GÊNERO TEXTUAL: UMA EXPERIÊNCIA COM SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Ângela Maria dos Santos (UEMS)

angel11_ste@gmail.com

Osney Fernandes dos Santos (UEMS)

osneyf@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

Maria Leda Pinto (UEMS)

marialedapinto25@gmail.com

RESUMO

Este artigo traz uma reflexão sobre o uso de gêneros textuais orais e escritos, através do recurso do hipertexto por meio da aplicação de uma sequência didática, na perspectiva de Dolz e Schneuwly, utilizando-se dos contos de fada, em uma turma de 6º ano do ensino fundamental. Esta atividade faz parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado profissional em letras e teve como objetivo melhorar as atividades de leitura e produção textual, através do uso de hipertextos, propondo situações de leitura e produção textual por meio dos gêneros orais e escritos, enfocando os processos de interação e não apenas as reflexões sobre aspectos formais dos gêneros, por meio de atividades variadas de leitura e produção textual com o uso do hipertexto para que o aluno possa ao refletir, apropriar-se e usar os diversos gêneros textuais nas várias situações do cotidiano, garantindo assim que a comunicação ocorra de forma efetiva.

Palavras-chave:

Gênero textual. Sequência didática. Hipertexto. Leitura. Produção textual.

1. Introdução

Este relato visa a apresentar uma experiência de ensino-aprendizagem de produção do gênero textual conto de fadas, desenvolvida com alunos do 6º ano do ensino fundamental segundo a metodologia da sequência didática proposta por Dolz & Schneuwly (2004)

Segundo Koch (2011), tanto na leitura quanto na escrita, o escritor mobiliza diversos conhecimentos armazenados em sua memória, os quais são designados por ela de conhecimento linguístico, conhecimento enciclopédico, conhecimento de textos e conhecimentos interacionais. O mesmo é ainda considerado um “evento sociocomunicativo” (KOCH, 2011, p. 13), cuja existência se faz a partir da interação entre produtor e leitor, a partir da qual os sentidos são construídos.

É impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero e também por algum texto. Assim, a comunicação verbal só acontece utilizando-se algum gênero textual que de acordo com Marcuschi (2010, p. 22) referem-se a textos materializados encontrados em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica e são inúmeros. Já os tipos textuais são uma espécie definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas) e que abrangem meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

Como os textos sempre se manifestam em um ou em outro gênero textual é importante conhecer as características e a situação real de utilização de cada gênero tanto para a compreensão como para a produção textual, suposto que a linguagem será utilizada de forma mais eficaz.

2. Gênero textual: contos de fadas

Os gêneros caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos, que surgem de acordo com as necessidades ou as novas tecnologias, sendo que um gênero dá origem a outro. É possível verificar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes se compararmos com as sociedades anteriores à escrita, de acordo com Marcuschi (2010, p. 19), que diz que:

Uma simples observação histórica do surgimento dos gêneros revela que, numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII a. C., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação.

Sendo assim, visto que há uma variedade de gêneros foi necessário escolher um deles e para desenvolver a sequência didática relatada neste artigo foi selecionado o gênero conto, pertencente ao domínio do narrar, caracterizado por apresentar gêneros pertencentes à cultura ficcional, conforme agrupamento de gêneros proposto por Dolz & Schneuwly (2004, p. 52).

O gênero conto se caracteriza por ser uma narrativa curta que condensa o conflito, o tempo e o espaço, bem como apresenta um número reduzido de personagens (GANCHO, 1995, p. 8).

Este gênero foi escolhido devido ao fato de que os alunos, mesmo já o conhecendo de anos anteriores, não terem domínio da sua estrutura tipológica. Assim, essa atividade teve como objetivo ampliar seu conhecimento sobre o gênero estudado, bem como também que consigam redigir textos utilizando recursos próprios do padrão escrito relativos à paragrafação, pontuação e outros sinais gráficos, em função do projeto textual.

A escola sempre trabalhou com os gêneros, seja um ou outro, pois se sabe que o gênero não é apenas ou tão somente instrumento de comunicação, mas ao mesmo tempo é objeto de ensino-aprendizagem. Os alunos vivenciam muitas situações em que a escrita é necessária e onde a produção de textos, utilizando algum gênero textual multiplica-se seja por textos orais ou escritos, inclusive através da utilização dos novos gêneros textuais.

3. Sequência didática

Este trabalho está organizado a partir de uma sequência didática e foi desenvolvida com alunos de 6º ano, buscando desenvolver o conhecimento do gênero textual conto de fadas. Dessa forma, segundo Dolz & Schneuwly (2004, p. 43) a concepção proposta neste trabalho parte do princípio de que comunicar-se oralmente ou por escrito pode e deve ser ensinado na escola. Assim, para ensinar os alunos a dominar um gênero textual de forma, se faz necessária a sequência didática. Para organizar as atividades, o professor pode planejar etapas do trabalho com os alunos, de modo a explorar diversos exemplares desse gênero, estudar as suas características próprias e praticar aspectos de sua escrita antes de propor uma produção escrita final.

Uma *sequência didática* é uma sequência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem cujo objetivo é confrontar os alunos com práticas de linguagem historicamente construídas, os gêneros textuais, para lhes dar a possibilidade de reconstruí-las e delas se apropriarem, conforme dizem Dolz & Schneuwly (2004, p. 43).

Para Dolz & Schneuwly (2004, p. 83), uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. Nesse sentido, a se-

quência didática apresenta o seguinte esquema proposto pelo autor: apresentação da situação descrita de forma detalhada sobre o gênero em estudo e a primeira produção que pode ser oral ou escrita. Essa produção permite ao professor verificar que capacidades eles já o tem e quais precisam ser ampliadas para o gênero em estudo. Depois, é realizado estudos em módulos para serem trabalhadas as dificuldades detectadas na produção inicial. Esses módulos – várias atividades sobre o gênero – são formas de melhorar as práticas sobre o gênero em estudo. E por último, chega-se a produção final.

Dessa forma, verifica-se assim outra vantagem desse tipo de atividade que é leitura, escrita, oralidade e aspectos gramaticais trabalhados em conjunto, fazendo assim mais sentido para o aluno. É necessário que o professor tenha conhecimento do gênero que vai ensinar e também o nível de aprendizagem que os alunos já têm desse gênero. Isso é necessário para que a sequência didática seja organizada de uma forma que não fique nem muito fácil, nem muito difícil, pois os alunos não se interessam em realizar uma atividade para a qual não encontrem desafios ou que seja muito difícil para a idade deles.

O papel do professor é importante nesse desenlace do decorrer da sequência abordando e trabalhando os problemas de níveis diferentes, a representação da situação de comunicação, a elaboração dos conteúdos, planejamento do texto e a realização do texto. Para Dolz & Schneuwly (2004, p. 95),

O texto permanece provisório enquanto estiver submetido a esse trabalho de reescrita. Podemos até dizer que considerar seu próprio texto como objeto a ser retrabalhado é um objetivo essencial do ensino da escrita. O aluno deve aprender que escrever é (também) reescrever. A estruturação da sequência didática em primeira produção, por um lado, e em produção final, por outro, permite tal aprendizagem.

A importância em estudar os gêneros e deles se apropriarem está ligada a uma necessidade da escola inserir esse conhecimento na produção de texto.

Produzir textos é um processo complexo. A aprendizagem de tal conhecimento é lenta e longa. Para assegurar o domínio dos principais gêneros no final do ensino fundamental, propõe-se uma iniciação precoce, com objetivos adaptados as primeiras etapas. E a retomada dos mesmos gêneros, em etapas posteriores, é importante para se observar o efeito do ensino em longo prazo e para assegurar uma construção contínua. (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 105)

Com base em Bakhtin (2011, p. 262), o gênero pode ser dividido em três dimensões que o formam a identidade – o que é dizível por meio dele (o conteúdo temático) – a forma de organização do dito (a estrutura composicional) e os meios linguísticos que operam para dizê-lo (o estilo). Com isso, para se estudar um gênero o aluno deve se ater a essas dimensões e apropriar-se deles.

Com isso, percebemos a importância do aluno de conhecer as três dimensões mencionadas, pois a partir desse conhecimento tornará mais fácil produzir um texto em determinado gênero.

4. Contos de fadas

Uma das formas mais antigas das gerações maduras passarem ensinamentos para as gerações mais novas é pela contação de histórias, muito usual em sociedades sem escrita e sem escola. Os valores, as crenças, a cultura, enfim, são fixadas por meio das histórias de uma geração a outra. Os contos de fadas, tema que será abordado neste artigo, por sua vez, não surgiram para ensinar crianças. Segundo especulações os contos de fadas surgiram antes da Idade Média. A versão que chegou aos dias atuais, com as quais se conviveu durante a infância e passa-se aos filhos, entretanto, foram produzidos nesse histórico e isto é bastante visível nos temas, palavras, situações presentes nos contos de fadas. Neles estão presentes reis, rainhas, florestas e todo conjunto de características próprias de mundo feudal com sua importância social delimitada. Os temas e as situações dos contos de fadas também retratam as condições de vida do mundo feudal. Isto é expresso claramente em *O Pequeno Polegar* e em *Joãozinho e Maria* que contam a aventura de crianças que eram abandonadas na floresta pelos seus pais, devido a sua situação de miséria, o que eram comuns nas famílias dos servos submetidos à exploração do senhor feudal. (PEIXOTO & VIANA, 2002, p. 54)

Esses contos de tradição oral que circulavam entre as pessoas da Idade Média e eram utilizados como forma de entretenimento dos adultos, foram copilados e, posteriormente, adaptados para o público infantil. Os primeiros contos de fadas apareceram provavelmente na Itália em formas manuscritas em meados do século XVI (RANDINO, 2003, p. 65)

Diversas compilações e adaptações foram feitas em diferentes países da Europa, mas a de Charles Perrault, na França século XVII, e dos irmãos Grimm, na Alemanha século XIX, são as mais conhecidas. Per-

rault escreveu seus contos para a corte de Versalhes e não para crianças, mas suas histórias apresentam uma nova concepção de infância que estava se consolidando, naquele momento, conforme (RANDINO, 2003, p. 68)

Segundo Cheola (2006 p. 48), seu propósito com a coletânea era entreter o filho do rei Luiz XIV, além disso, os contos passaram de um registro ao outro – do oral ao escrito – até chegarem, no século XIX, aos irmãos Grimm, que pesquisaram a literatura oral com o objetivo de reafirmar a nacionalidade alemã. Nação recém-saída do jugo napoleônico, a Alemanha passou a ser identificada pelos intelectuais por um elenco de costumes e crenças de seu povo. Neste percurso, as histórias folclóricas passaram da tradição oral (meio rural francês) à escrita (seleção de Perrault), daí voltando à forma oral (narração dos descendentes “huguenotes” na Alemanha), para, a seguir, retornar a literatura impressa (coleção de Grimm). As mudanças de ambientes (das cabanas para os salões da corte) e de suporte (da palavra oral ao texto escrito) acarretaram alterações em sua forma e conteúdo. Perrault acrescentou conclusões morais que não existiam originalmente. Além disso, fez cortes, acréscimos e mudanças de tom. (CHEOLA, 2006, p. 48)

Assim, os contos de fadas foram inseridos nas famílias de forma oral e posteriormente de forma escrita. Nas escolas, os contos de fadas não costumam ser trabalhados com frequência, por ser um gênero considerado menor ou sem importância. Observamos que os alunos conhecem os contos por meio de filmes, desenhos animados ou histórias contadas oralmente por irmão, pais e avós. Assim esses contos permaneceram até os dias atuais, porém muitos dos alunos não conhecem as versões mais antigas.

De modo geral, os contos constituem um significado especial ao universo infantil, pois, através de sua narrativa, fornecem elementos favoráveis para que os pequenos se organizem internamente. A sua própria estrutura – começo, meio e fim – sugere ao leitor caminhos para compreender seus sentimentos e resolver seus conflitos.

Bettelheim (1980, p. 14) comenta sobre os contos de fadas, que o fato de as histórias tratarem em seu enredo de problemáticas humanas permite falar ao ego em germinação, encorajando seu desenvolvimento. Dessa forma, essas histórias quando internalizadas pelas crianças propiciam significados para sua vida. Com isso, esse fato contribui para aliviar as tensões pré- inconscientes e inconscientes, favorecendo a superação de

seus conflitos interno.

Os personagens do enredo apresentam um caráter mágico como se tudo fosse perfeito, no entanto essas narrativas demonstram que as dificuldades são inevitáveis em todos os nuances das narrativas, pois ora perdem os pais ou ente querido, ora com persistência e determinação e um pouco de sorte consegue superar.

Outro aspecto dos contos de fadas é a definição do caráter dos personagens. Eles são sempre bons ou maus não existe meio termo. Isso permite que o leitor encontre claramente os dois lados. Assim o leitor perceberá que é necessário fazer escolhas sobre o seu modo de ser. Permitirá ao leitor a lhe dar possibilidade de, ao longo da vida, fazer suas escolhas e decidir de que lado ficar.

Nesse sentido, sobre os contos de fadas são os finais felizes nos desfechos delas, isso é recorrente, porque eliminam todas as velhas dores e recompensa todo sofrimento e aflição. Esse final feliz deve ser discutido com o aluno e mostrar lhe que mesmo os heróis passam por dificuldades, mas é preciso para que consiga atingir seus objetivos.

Ainda hoje é importante que nossos alunos conheçam as narrativas do conto de fada, criando assim, a consciência de que essa literatura, que atualmente é conhecida como clássica, surgiu na tradição oral – antes mesma da escrita – contadas por pessoas do povo com o objetivo de distração e entretenimento.

Um dos aspectos desse gênero é o fato de as histórias serem atemporais, começando por expressões como “Era uma vez...” ou “Em certo reino...” mostrando que os fatos ali narrados podem ter acontecido há muitos anos ou há pouco tempo. Também o fator que auxilia na produção de textos nesse gênero é a sua estrutura, pois é rica em acontecimentos, existe a luta do bem contra o mal, bem como elementos mágicos e personagens que auxiliam o herói em meio às dificuldades.

Portanto, é preciso que a escola incorpore a prática desse gênero, pois o fato de os alunos gostarem dos contos de fadas poderá facilitar a aprendizagem, sendo que essas práticas educativas significativas contribuem para a formação humana.

5. *Hipertexto*

As escolas públicas brasileiras não podem ficar de fora deste novo

mundo de possibilidades que surgem com a *internet*. Os professores estão constantemente participando de formações para compreender como lidar com estas novas mídias digitais que agora fazem parte da rotina escolar, pois o aluno já está inserido na tecnologia da informação. Mas é preciso repensar como utilizar este novo recurso, que traz novas formas de interação e de diálogo, com novos gêneros textuais e também textos multimodais, com um novo ambiente de leitura e escrita, de pesquisa e produção textual.

As novas mídias, principalmente a *internet*, possibilitam novas formas de produção e circulação de discursos, além de diferentes formas de aprender, ensinar e de se comunicar. Muito tem sido discutido a respeito das práticas discursivas mediadas pelo computador, especialmente pela *internet* (Cf. MARCUSCHI & XAVIER, 2004; MARCUSCHI, 2005).

Os alunos, público alvo desta pesquisa, fazem uso das novas mídias o tempo todo, principalmente do hipertexto, pois sempre que se conecta à *internet*, faz-se a leitura de algum tipo de hipertexto ao acessar qualquer portal de notícias, por exemplo, ou as redes sociais. E também se utiliza o hipertexto quando se comenta uma matéria de um jornal online, um texto de um blog ou mesmo curte-se uma postagem no *Facebook*. A questão é o modo de se utilizar este recurso em benefício da aprendizagem, de um progresso na aquisição da leitura e da escrita.

As mudanças sociais e tecnológicas dos últimos anos trazem transformações na forma de aprender e também na forma de expressar-se. Para isso são necessárias novas práticas de produção, de leitura, de ferramentas e também nova postura do leitor/autor do texto.

Lévy (1993, *apud* JIMENEZ, 2013) define:

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos, que podem, eles mesmos, ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira.

A escola, na atualidade, passa por um grande desafio que é o de formar leitores/escritores, numa cultura de tradição fortemente escrita, capazes de interagir utilizando-se das várias mídias disponíveis, utilizando-se de textos midiáticos como o hipertexto, que exige um leitor autô-

nomos, agentes de sua aprendizagem.

O uso do hipertexto em ambiente escolar possibilita ao aluno o contato com vários ambientes de leitura e de aprendizagem, no qual o mesmo será instigado para novos tipos de produções escritas, diferentes das historicamente ensinadas pela escola. Há ainda, a interatividade, que propicia novas formas de produção escrita, e a escola pode e deve funcionar como mediadora desses novos processos de interação e uso da língua.

De acordo com Marcuschi (2001, p. 83) um hipertexto consiste numa rede de múltiplos segmentos textuais conectados, mas não necessariamente por ligações lineares. Assim, cada leitor faz as escolhas de leitura que achar mais pertinentes aos seus objetivos. E é esta a principal diferença entre hipertexto e os textos de livros e revistas tradicionais.

Lenke afirma (2002, *apud* ROJO & MOURA, 2012, p. 37) que o hipertexto é diferente do texto impresso por ter um design que permite várias interconexões, possibilitando diversas trajetórias e múltiplas sequências. Estas exigem novas habilidades que vão ao encontro de um novo letramento – o letramento digital – que refere-se tanto a aquisição de uma tecnologia quanto ao exercício de práticas de escrita que fazem parte do meio digital.

6. Descrição da experiência

6.1. Objetivo

- Compreender as características do gênero textual contos de fada tradicional e moderno;
- Analisar, reconhecer e utilizar os elementos do texto narrativo;
- Reconhecer/compreender o gênero textual conto de fadas;
- Aplicar a tipologia estrutural e composicional do gênero estudado;
- Redigir textos utilizando recursos próprios do padrão escrito relativos à paragrafação, pontuação e outros sinais gráficos, em função do projeto textual

6.2. Conteúdo(s)

- Elementos da narrativa: narrador, enredo, personagens, tempo,

espaço e tipos de discurso;

- Gênero textual contos de fadas.

6.3. Justificativa

Embora os alunos já o conheçam os contos de fada, eles não têm pleno domínio de sua elaboração e organização. Nesse sentido, o trabalho proposto pretende ampliar o conhecimento sobre este gênero, levando-os ao domínio pleno de sua estrutura, visando também ao desenvolvimento da capacidade crítica e criativa, elementos importantes no processo de formação do sujeito.

6.4. Público-alvo: 6º ano do ensino fundamental

6.5. Duração: 3 semanas

6.6. A sequência didática organizou-se da seguinte forma

6.6.1. Apresentação da situação

Iniciou-se a aula explicando aos alunos que seriam lidos alguns contos e que a partir da leitura dos mesmos, a classe estudaria a estrutura deste tipo de texto e que ao final iríamos escrever um texto que seria postado no blog da turma para que o mesmo tivesse a leitura disponibilizada em forma de livros digitais, para facilitar o acesso a toda nossa comunidade escolar ao texto que eles iriam escrever.

Assim, iniciamos a aula com as perguntas-desafio abaixo para instigar os alunos sobre o gênero textual a ser estudado:

6.6.2. Perguntas-desafio

- a) O que é um conto de fada?
- b) Quais são os contos de fadas que eles conhecem ou já leram?
- c) Do que tratam os contos de fadas?
- d) O que identifica um texto como um conto de fadas?

A seguir, utilizando o projetor multimídia os alunos assistiram ao vídeo *Contos de Fadas Furados: Cinderela* para então fazer a análise/relação do conto original com a releitura mostrada no vídeo.

Obs.: Observou-se que os alunos não conheciam o conto, pois não houve interação com a história parodiada no vídeo. Assim, foi necessário contar-lhes o conto original antes de prosseguir com a aula conforme planejada.

Na STE da escola, através do *blog* criado para a turma (<http://ler-escrever6b.blogspot.com.br>), os alunos realizaram algumas atividades como as descritas a seguir:

- a. analisar a imagem e responder através dos *comentários do blog* porque a mesma faz parte de um conto de fadas;
- b. clicar no *link* e ler o conto de fadas *A Princesa e o Sapo* e também assistir ao trailer do conto *A princesa e o sapo* e realizar comentários sobre a história;
- c. escolher dentre os links os contos disponibilizados para realizar leituras.

6.7. A primeira produção

- a. ler o conto *Chapeuzinho Vermelho* original e lembrar os pontos mais importantes;
- b. escrever em grupo uma nova versão da história da Chapeuzinho a partir de cores sugeridas: Chapeuzinho Branca, Amarela, Verde, Azul etc.;

6.8. Os módulos

- a. ler o conto *O príncipe sapo* (atividade que faz parte do livro do 6º ano da disciplina de língua portuguesa) e fazer a análise dos elementos da narrativa;
- b. na STE, os alunos farão a leitura do conto *João e Maria* e depois a análise dos elementos narrativos, sendo que esta atividade será realizada em duplas.
- c. retomar o 1º conto escrito, reorganizando-os nos mesmos grupos

e apresentá-lo para a sala, compartilhando assim com todos.

- d. reescrita dos contos em grupos, alterando-se apenas as cores para verificar a utilização dos elementos da narrativa com maior propriedade e também a utilização dos recursos próprios do padrão escrito relativos à paragrafação, pontuação e outros sinais gráficos, em função do projeto textual.

6.9. Produção final

Escrita final dos textos e postagem dos mesmos no *blog* da turma em forma de livros digitais.

7. Considerações finais

O leitor de um hipertexto é senhor do seu destino, pois escolhe, decide o caminho que quer percorrer em sua leitura e um caminho escolhido não será igual ao outro. Por isso, ele precisa ser autônomo, ter uma nova postura, fazer uma leitura coerente com o que busca, para não se perder na rede. É preciso usar conhecimentos prévios como conhecimento da própria estrutura de busca dos navegadores, formas de navegação e planejamento, que são itens fundamentais para que o leitor não se perca ou se deixe seduzir por outras leituras desvinculadas do objetivo original.

Dessa forma, o professor de língua portuguesa, que lida diretamente com o ensino da língua materna através de gêneros textuais, precisa perceber que há uma mudança nas práticas de leitura e escrita, bem como uma mudança dos textos e também dos suportes dos gêneros textuais que estão em circulação na sociedade atual e que estes podem, se inseridos no espaço escolar, ser de grande contribuição para o avanço da formação de leitores e produtores de textos, sendo estes mais críticos, autônomos, conscientes do que leem e com condições de interagir nas diversas situações comunicativas utilizando-se das habilidades necessárias para a produção de textos orais ou escritos, midiáticos ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: —. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 277-326.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. Trad.: Arlete Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. Quem conta um conto. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Orgs.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

JIMENEZ, Márcia Coutinho Ramos. A leitura do hipertexto no contexto de formação de educadores. *Revista na Ponta do Lápis*, ano IX, n. 22, agosto de 2013.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos dos textos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

RANDINO, Glória. *Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 81-108.

PEIXOTO, Maria Angélica; VIANA, Nildo. O significado pedagógico dos contos de fada. In: VIANA, Nildo; VIEIRA, Renato Gomes. *Educação, cultura e sociedade: abordagens críticas na escola*. Goiás: Germinal, 2002.